

## A INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA HÁ 40 ANOS

# Testemunhos caldense do fim de uma guerra e do começo de outra

Assinalou-se esta semana, a 11 de Novembro, os 40 anos da independência de Angola. **Gazeta das Caldas** ouviu três caldense que na altura assistiram aos últimos dias da presença portuguesa na então colónia africana. Quase nada correu bem na descolonização angolana, bem como na das outras colónias. Envolvidos em conflitos insanáveis que a guerra fria estimulava, os movimentos de libertação envolveram-se numa guerra civil fraticida que teve os primeiros confrontos ainda antes dos militares portugueses partirem.

## Rolim Oliveira – o capitão miliciano

O caldense Rolim Oliveira era capitão miliciano em 1975 quando Angola se tornou independente. Fez tropa em Portugal, Moçambique (onde diz que o 25 de Abril lhe chegou três dias depois) e em Angola. Viveu momentos de grande tensão, mas nunca esteve debaixo de fogo. Regressou a Portugal poucos dias antes da independência.



Rolim Oliveira foi dos últimos militares portugueses a sair de Angola



N Lunda no quartel dos katangues. Rolim Oliveira está ao centro, lado de camaradas portugueses e militares do Katanga que, dias depois, irão ter um papel decisivo na Batalha de Luanda.

Nessa altura ficou praticamente adquirido que a guerra terminaria – pelo menos naquela zona – tendo as tropas portuguesas passado a viver em harmonia com os guerrilheiros moçambicanos. Em Maio de 1974 veio para Portugal. Passa pelos quartéis das Caldas da Rainha e de Estremoz. É promovido a capitão miliciano em Maio do ano seguinte e parte imediatamente para Angola.

“Ja sabíamos que ia haver a independência e estava previsto que nós regressássemos a 28 de Fevereiro. Não sabíamos era a situação no território se iria degradar e que acabaríamos por voltar mais cedo”, contou à **Gazeta das Caldas**.

A situação em Angola era de pré-guerra civil e tornava-se cada vez mais evidente que os militares portugueses já pouco mais poderiam fazer ali. Tinha tido início a ponte área que iria trazer a Portugal militares de “retornados” e a tropa pouco mais poderia fazer do que proteger a baragem de Cambambe que produz energia eléctrica para Luanda, em Coluna, onde ficam alojados

e manter aberta a estrada de Catete, que era a principal porta de entrada da capital. Serão os últimos militares portugueses que ali permanecem. A dado momento é enviado a Malange para trazer uma coluna do sul do antigo Congo Belga e estes mercenários iriam ter, pouco meses depois, em Agosto, um papel decisivo na batalha de Luanda, ao lado do MPLA contra um ataque da FNL.

Depois da Lunda, a companhia de Rolim Oliveira é enviado em Setembro para o Dondo. Mas antes disso, numa viagem relâmpago a Portugal e às Caldas da Rainha, o jovem capitão vem anunciar ao nascimento da sua filha, Patrícia Rolim. Nesta visita fugaz à ainda Metrópole, é portador de missivas secretas que entrega em mão a alguns dos dignitários que emergiram da Revolução de Abril: o almirante Rosa Coutinho e o general Costa Gomes.

Regressado a Angola, a sua missão é proteger a baragem de Cambambe que produz energia eléctrica para Luanda,

e outros equipamentos militares, afirmando-se para o foso da baragem. E partem para Luanda, em coluna, onde ficam alojados e outros equipamentos militares, afirmando-se para o foso da baragem. E partem para Luanda, em coluna, onde ficam alojados

Maria Beatriz Raposo  
mraposo@gazetacaldas.com

Na verdade, “o que havia era uma luta pela hegemonia do território”. Luta essa onde, na faixa Leste do país, o MPLA saiu vitorioso. Por isso mesmo, a transmissão do poder e do controlo de território para os três movimentos angolanos, tarefa do Battalhão português, resumiu-se apenas ao estabelecimento de acordos com os três partidos, o MPLA, O dia 12 de Junho de 1975 é uma data que continua fresca na memória de José Ventura, quarenta anos depois. “Fomos jantar, eram essas 17h30 ou 18h00, quando ouvimos um estrondo enorme, até a terra abanou. Sabímos que o acordo tinha terminado”, lembra o caldense, adiantando que, a partir deste dia “todo o eixo que ligava Henrique Carvalho a Luanda passou a ser dominado pelo MPLA”.

No final de mês de Junho, a Companhia de Comandos e Serviços (CCS) abandona o quartel e instala-se na Base Aérea N° 4, localizada a quatro quilómetros de Saurimo. José

Ventura, que era responsável pelo sistema eléctrico e pela sala de cinema, não poupará elogios às novas instalações, mais modernas que o quartel e equipadas com material topo de gama. “O cinema tinha uma máquina de projeção Swissair, o último grito das tecnologias”, afirma o antigo miliciano, que também não esquece o primeiro filme que projectou, o português “José do Telhado”.

“Sejamos sinceros, não teve muita assistência, ao contrário do seguinte, ‘Emmanuelle’ [erótico], que lotou a sala”, diz entre gargalhadas.

Por saber que a base aérea seria trans-

fida para o MPLA, José Ventura, que integrou o battalhão com a função de rádio monitorador, andava preocupado com o domínio técnico que os equipamentos implicavam. “Eram muitos pormenores específicos, como fomos explicar-lhes tudo?”

“Ficou espantado quando,

maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham. ‘Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra’.

**REFUGIADOS PORTUGUESES**  
Ainda na base aérea, os militares da CCS viram-se confrontados com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura

recorda “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pegaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro.

“Havia mulheres, homens, crianças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham. “Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**“Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que seguia na frente.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força aérea desconheciham as armas com que dispunham.

“Na mão levaram uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

**AS AVENTURAS DE JIPE**  
Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares.

José Ventura lembrava-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saía de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

o resto. O relógio marcava as 3h00 quando o tubo do óleo se rompeu. “Começámos a ver umas luzes ao fundo, eles aproximaram-se num Land Rover azul. Eram quatro, armados até aos dentes e nós sentimo-nos pequeninos, mas acabaram por arranjar o jipe e gracas a eles seguimos viagem”, lembra o ex-fuzileiro.

Foi novamente numa viagem de jipe, também à noite, que José Ventura e António Roque viveram o seu momento de maior tensão em Angola. A estrada estava cortada com uma cerca e sob vigia de uma força armada do MPLA. Uma semana antes, as tropas portuguesas haviam invadido um muesquino quequeu que ficou conhecido como o Massacre de Vila Alice. Segundo conta José, “as brigadas do MPLA eram muito rigorosas quanto à prostituição, não queriam deixar sair os nossos militares que ali se foram encontrar com umas ménage. Os militares portugueses arrasaram aquilo tudo para tirar das casas, novas e velhas e foi preciso tratar daquela gente toda. As pessoas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque